

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de São Paulo Class.: 357

Data: 22.10.78 Pg.: 40

Para os xavantes, pedir já é um hábito

LUIS SALGADO RIBEIRO
Do correspondente em
CUIABÁ

Todas as tardes, na reserva xavante de Pimental Barbosa, o respeitado cacique Uarondi repete um conselho à sua tribo: "Nós devemos derramar suor em nossas terras e cuidar bem dos nossos filhos, ao invés de sair por aí pedindo dinheiro e presentes. A dignidade do povo xavante não permite que a gente fique pedindo esmolas". A recomendação de Uarondi, feita como uma ladainha diária durante o "uaran" (reunião do conselho de anciãos) é ouvida e respeitada apenas pelos xavantes de Pimental Barbosa.

Entre os xavantes das outras reservas — São Marcos, Sangradouro, Areões, Couto Magalhães e Kuluene — há um frenesi de pedir sem conta. Da cachaça e o cigarro — implorados nos botequins de beira de estrada — aos tratores, máquinas de costura e tecidos — pedidos em Barra do Garças, Cuiabá, São Paulo, Rio e Brasília — há uma infinidade de coisas que os xavantes pretendem ganhar ou adquirir, sem ter muita idéia do custo, da utilidade ou da necessidade do que pedem.

Cada vez mais cercados pela civilização, os xavantes parecem querer saltar da sociedade tribal para a sociedade de consumo, sem perceber que entre as duas existe o abismo da marginalização, onde eles estão caindo sem qualquer chance de recuperação.

No começo, os xavantes não pediam. Safam de suas reservas levando arcos, flechas e peças de artesanato para vender nos povoados mais próximos. Com o dinheiro da venda, compravam açúcar, sal, tecidos e quinquilharias tais como espelhos, lanternas elétricas, brinquedos de

plástico e — por vezes — óculos escuros. Mas as atraentes bugingangas da sociedade de consumo valiam sempre mais que os trabalhados cestos de palha, cocares de penas, colares de contas ou de dentes de animais. Assim, a cada saída para vender artesanato, eles voltavam mais frustrados por não poder comprar o que queriam. Nessas idas e vindas, não demorou muito para eles passa em a pedir. "Talvez influenciados também pelos padres das missões, que pedem de tudo" — comenta um funcionário da Funai.

Além de dinheiro, passaram a pedir também cigarros e pinga, que os donos de botequins — preocupados em se ver livres da presença incômoda dos xavantes — passaram a dar, sem qualquer escrúpulo ou temor da lei que proíbe o fornecimento de bebidas alcoólicas a índios.

O pedidório dos xavantes estava restrito ao varejo das quinquilharias e aos limites do município de Barra do Garças, quando o índio Mário Juruna projetou-se no cenário nacional. Mário, um simples xavante, foi promovido a cacique por uma torrente de notícias e reportagens que exploravam o fato pitoresco de esse índio ter ido a Brasília munido de um gravador para registrar de viva voz as promessas nem sempre cumpridas de altos funcionários da Funai.

De uma hora para outra, Mário virou manchete de jornais e revistas, deu entrevistas à televisão e, como um personagem folclórico, acabou sendo padrinho da Banda de Ipanema. Muito esperto ("Eu aprendi muita malandragem com o branco"), Mário Juruna passou a usar seu "prestígio e amizade com gente importante" para conseguir doações para a sua aldeia. Conseguiu um trator, com um político de Paraná; dezenas

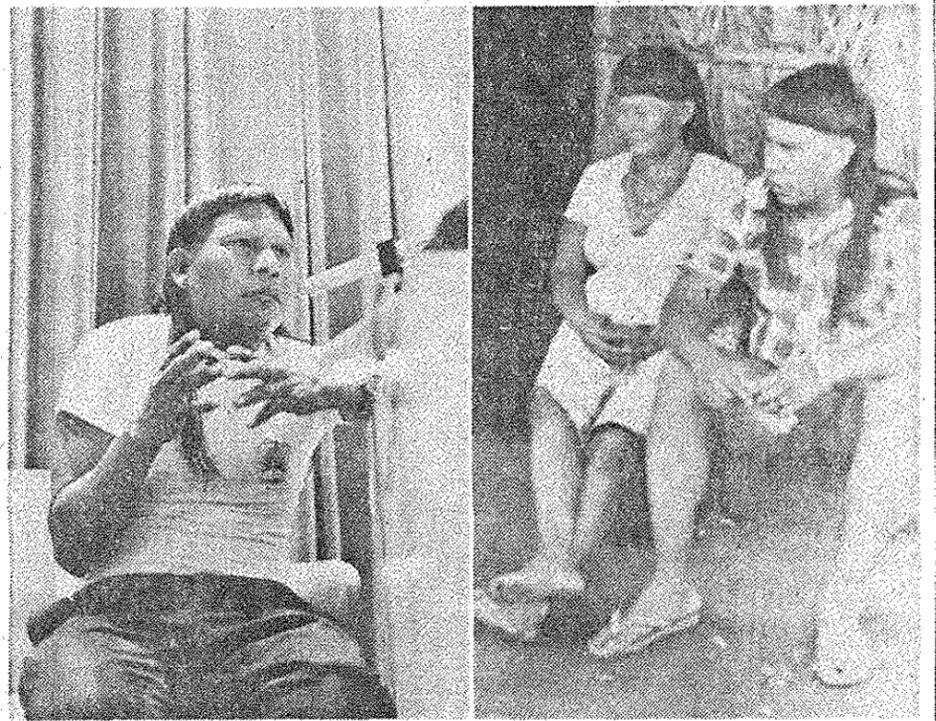
de máquinas de costura, com industriais em São Paulo, e uma doação de 65 mil cruzeiros da embaixada do Canadá, com a qual comprou mais vinte e tantas máquinas de costura, 300 metros de tecido, cobertores, espingardas de caça, munição combustível e sementes para plantar uma lavoura de arroz.

O exemplo de Mário Juruna foi imediatamente seguido pelos outros chefes de aldeia de reserva de São Marcos. Os xavantes Aniceto, Cipriano, Josué e Humberto — que também se dizem caciques — passaram a viajar constantemente para as grandes capitais, onde esperavam encontrar o mesmo êxito obtido por Mário Juruna.

Em Brasília, concentraram seus pedidos nas embaixadas, que julgavam ser uma fonte inesgotável de recursos. Para tentar frear essa romaria de pedintes, o general Ismarth de Oliveira, presidente da Funai, apelou às embaixadas para que não atendam mais aos pedidos dos índios.

Por motivos diplomáticos, é certo que as embaixadas deverão atender ao apelo do presidente da Funai. Entretanto, isso não quer dizer que os xavantes vão deixar de viajar para as capitais para fazer seus pedidos. Eles aprenderam que, com seus insistentes pedidos, sempre acabam ganhando alguma coisa.

Além disso, "a malandragem aprendida com o branco" já foi muito longe para ser esquecida. Na semana passada, o xavante Pedro Noda, da reserva de Sangradouro, estava percorrendo os comitês de candidatos a deputado, em Cuiabá, tentando vender — a troca de cobertores e espingardas — 150 votos de eleitores xavantes, que Pedro garante liderar em Sangradouro.



Arquivo

Foto Luis Salgado Ribeiro

Vida de Juruna é um conflito entre costumes tribais e os da civilização

Prestígio desperta ciúme

Com esse espírito inquieto e inconformado e com a facilidade de se expressar que ganhou em sua convivência com os brancos, Mário passou a liderar sua aldeia e, um dia, dizendo-se cacique, de gravador em punho, foi cobrar promessas de demarcação da reserva de um diretor da Funai em Brasília. Desse episódio, muito explorado pela imprensa, veio a fama, os contatos com políticos e a oportunidade de pedir dinheiro e conseguir como ele jamais tinha sonhado.

No começo, tudo bem, Mário pôde distribuir carne seca, tecidos e máquinas de costura para os diversos grupos xavantes da reserva de São Marcos. Todos ficaram contentes com ele e seu prestígio foi muito além do dos padres e de funcionários da Funai. Mário sentiu-se como um político vitorioso.

Não tardou, entretanto, que esse prestígio acabasse gerando ciúmes de toda ordem. Nos outros grupos despontaram outros chefes também empenhados em pedir mais e mais, para não ficar por baixo. Como Mário, também os outros chefes passaram a usar um gravador, mas por falta de oportunidade e malícia não conseguiram repetir o êxito de Juruna.

Esse malogro gerou ciúme ainda maior. Hoje os grupos xavantes que ocupam cinco aldeias na reserva de São Marcos já não se entendem como antes.

Até a pacata Maria Luíza acabou tendo ciúme de seu marido, por causa das suas constantes e prolongadas viagens. Por sua vez, Mário sentiu-se um verdadeiro chefe e passou a defender o direito de ter outras mulheres: "Só uma mulher para

o chefe é costume que os padres trouxeram. Isso não é certo".

Entretanto, há alguns meses, quando Maria Luíza ameaçou abandoná-lo, Mário contou o problema a um amigo em Cuiabá e chorou como uma criança. Do choro, passou a uma atitude de desprezo e valentia, dizendo que ia abandonar a família e a aldeia: "Agora eu vou para o Paraná. Lá tem índio brigando por causa de terra e eu vou ajudar eles".

Acabou não indo. Voltou para sua mulher, seus filhos, sua aldeia de Namunkurá, onde vivem outras trinta e tantas famílias. Parece ter voltado em paz com a família, mas não com os xavantes. Agora, Mário se sente ameaçado como chefe da aldeia. Ele fala como se houvesse um complô da Funai e dos índios

que seguem a orientação dos missionários:

"Eles querem me derrubá, mas eu não só fácil de derrubá."

Até o começo do próximo ano, Mário talvez tenha que enfrentar um problema mais sério que o complô que ele denuncia: a fome na aldeia.

Depois que ele ganhou o trator, os xavantes de Namunkurá deixaram de fazer suas roças individuais, na esperança de uma grande lavouramecanizada para toda a aldeia. Entretanto, por falta de habilidade dos tratoristas improvisados na aldeia, o trator tem apresentado muitos problemas. O resultado é que até agora não se conseguiu plantar o suficiente para alimentar a aldeia. Dentro em breve começarão as chuvas e não haverá mais como fazer a sonhada lavoura.

Juruna, exemplo mais imitado

A vistosa camisa xadrez, o calção vermelho, as sandálias havaianas e o reluzente relógio de pulso, automático com calendário, a pasta de executivo tipo "007" externam o que Mário Juruna já tem de branco. As orelhas atravessadas por roletes de madeira, os cabelos longos e lisos, com uma franja bem cortada, marcam o que ele ainda tem de índio. Esse contraste reflete bem o conflito de idéias em que vive esse xavante, por vezes puro e inocente como uma criança, por vezes autoritário, desafiador, malicioso e demagogo como um velho político.

"Mário Juruna já não é mais índio e ainda não é branco" — diz o presidente da Funai. Entretanto, essa frase simplifica demais as coisas. O problema parece ser justamente o contrário: ele tem consciência de que é índio e conhece bem o amargo destino de seu povo. Por outro lado, quer resolver os problemas de sua aldeia com a visão imediatista de qualquer branco despreparado.

A dualidade índio-branco existe em Mário há muito tempo. Talvez desde o seu nascimento, há 34 anos, em uma aldeia xavante assistida por missionários salesianos. Dos missionários ele recebeu um nome de branco e uma instrução primária que parece ter aproveitado muito pouco.

Com os mais velhos da tribo — especialmente com seu tio Davi, o verdadeiro cacique da aldeia — Mário aprendeu as tradições de seu povo, as danças, os cânticos, as lendas. Com a vida na aldeia cada vez mais cercada de fazendas, aprendeu que os xavantes estavam ameaçados de ficar sem terras. Entretanto, paciência e conformismo ele não conseguiu adquirir, nem dos anciãos da aldeia nem dos velhos missionários. Sempre foi inquieto e vivia perambulando por outras aldeias xavantes, pelos povoados e cidades próximas.

Por volta dos 18 anos, resolveu servir o Exército. Foi para Cáceres e apresentou-se em um batalhão. Os militares o acolheram com

muita curiosidade. A experiência na caserna não durou muito tempo:

"Um dia eu senti muita saudade de minha aldeia e fui embora sem falar com ninguém — conta, rindo. Daí eu fiquei uns tempos na aldeia, mas acabei brigando com um padre que queria mandar em tudo. Resolvi ir embora. Fui ser peão de fazenda". Mário conta que passou uns quatro anos trabalhando para fazendeiros em Barra do Garças, Guiratinga e Torixoréu. "E nunca me pagaram o que deviam".

De volta a aldeia, casou-se com a pacata índia Maria Luíza, com quem tem seis filhas e dois filhos. Não sossegou, entretanto. Continuou suas brigas com os padres e com os xavantes que seguiam os missionários:

"O pessoal que fica estudando, fica do lado do padre. So obedece missionário. E missionário é liderança? Fico revoltado quando o pessoal joga futebol no terreiro da aldeia. O terreiro é para ritual, pra dança, pra festa xavante, pra reunião dos velhos. Eu respeito muito o ritual".